

★ COLEÇÃO MEMÓRIA E HISTÓRIA ★

B. Kucinski

IMIGRANTES E MASCATES

Ilustrações de Maria Eugênia





Copyright do texto © 2016 by Bernardo Kucinski
Copyright das ilustrações © 2016 by Maria Eugênia

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico e capa
SILVIA MASSARO

Preparação
VANESSA GONÇALVES

Revisão
ANA LUIZA COUTO E ARLETE SOUSA

Tratamento de imagem
M GALLEG0 • STUDIO DE ARTES GRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kucinski, Bernardo
Imigrantes e mascates / B. Kucinski ; ilustrações de Maria Eugênia — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2016.

ISBN 978-85-7406-740-7

1. Polônia — História — Literatura infantojuvenil 2. Kucinski, Bernardo 3. Memórias autobiográficas I. Eugênia, Maria II. Título.

16-06509

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias: Polônia : Literatura infantojuvenil 028.5

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

CRÉDITO DAS IMAGENS

Capa: Autor desconhecido (à esquerda)
Acervo pessoal do autor (à direita)

As imagens do miolo são do acervo pessoal do autor, exceto:
p. 22: Beth Hatefutsoth Photo Archive, courtesy of Orna Birnbach, Israel.

p. 32: Marc Ferrez/ Coleção Gilberto Ferrez/ Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 50: *Wloclawek and Vicinity, memorial book*. Editado por: Rabbi Kathriel F. Thursh e Meir Korzen, M.A. Publicado pela Associação dos Oriundos de Wloclawek e Vizinhanças em Israel e nos Estados Unidos. Tel Aviv, 1967.

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

Esta obra foi composta em AGaramond e impressa pela RR Donnelley em ofsete sobre papel Couché Matte da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarcz em outubro de 2016

Sumário



A primeira recordação, 5	Prisão e fuga, 50
O meu bairro, 9	Minha mãe, 53
O trenzinho da Cantareira, 12	A descoberta dos livros, 56
Nossa casa, 14	Nossa charrete, 59
A prima misteriosa, 16	A guerra chega ao Brasil, 62
Bate-sola, 18	Meu pai e a literatura, 67
Os chacareiros, 20	Minha primeira câmera, 69
As aulas de religião, 21	O desmonte, 70
As muitas vidas de meu pai, 22	As mudanças, 72
Religião e costumes, 33	Meu primeiro choque, 73
Os vendedores de rua, 35	Um conto sobre si próprio, 75
Os dez irmãos, 38	Sobre a ilustradora, 78
A ocupação russa e a ocupação alemã, 43	Sobre o autor, 79



A primeira recordação


Vejo minha mãe picando bananas sobre um tacho. Atrás dela há uma janela, mas o lugar é escuro. Estamos no piso da nossa casa que dá para o quintal dos fundos, situado abaixo do nível da rua. É quase um porão. Essa é a imagem mais remota que me ficou da infância.

Havia ali um grande fogão a lenha de duas bocas, construído em tijolo e cimento, com pesadas grelhas de ferro. Assim eram todos os fogões na Água Fria, um bairro perdido nos confins da cidade de São Paulo, mas, em vez de lenha, naquela época já se usava carvão.

Para acender o fogo, minha mãe enfiava entre os carvões cascas de laranja secadas ao sol. Ainda vejo, como se fosse ontem, as cascas retorcidas penduradas no varal, feito serpentinas. Ao pegar fogo, soltavam faíscas.

Talvez por causa do escuro, associo a imagem do porão à Segunda Guerra Mundial, quando, nas noites de blecaute, tínhamos que cobrir





janelas com lençóis e manter a casa na penumbra, para os aviões inimigos não localizarem a cidade. Blecaute vem do inglês *blackout*, que significa cegueira momentânea.

Quando a Alemanha invadiu a Polônia, no dia 1º de setembro de 1939, dando início à guerra, eu estava para completar dois anos de idade. Minha mãe chegara de lá havia apenas três anos. Ainda mal falava português.

A guerra afetou profundamente minha infância devido ao morticínio dos judeus pelos nazistas. Um episódio tão tenebroso da história que recebeu o nome Holocausto, o mesmo dado pelos gregos a sacrifícios de animais aos deuses, em que só restassem cinzas. Exatamente como os nazistas faziam com os corpos dos judeus assassinados.

Contudo, só percebi o peso do Holocausto na minha infância depois de adulto. Era algo tão terrível que meus pais não falavam disso. Hoje, atribuo ao Holocausto as crises de melancolia de minha mãe, que nele perdeu seus pais, seus irmãos e quase todos os tios e primos.



Minha mãe.



Também atribuo ao Holocausto o modo um tanto largado como vivíamos, sem disciplina nem organização. Era raro almoçarmos ou jantarmos juntos. Nossos sapatos nunca estavam engraxados e nossas roupas nunca estavam em ordem. Vez ou outra aconteceu de eu não ter o que vestir para um desfile da escola ou uma festinha.

Minha mãe à esquerda,
com a mãe dela e os
irmãos, em sua cidade
natal, Wloclawek,
na Polônia.



Era como se meus pais estivessem aturdidos demais com o que acontecia na Polônia, ou, quem sabe, se contentassem com o simples fato de estarmos vivos.